

---

## A EDUCAÇÃO INDÍGENA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA OS SABERES ESCOLARES NA PERSPECTIVA DO POVO INDÍGENA KIRIRI

---

Jailda Evangelista do Nascimento Carvalho<sup>1</sup>  
Edinéia Tavares Lopes<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo refletir acerca das contribuições que os saberes tradicionais trazem para o aperfeiçoamento dos saberes escolares na perspectiva dos povos indígenas Kiriri. Os informantes da pesquisa foram 15 alunas e 09 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, de uma Escola Estadual da comunidade de Mirandela, no município de Banzaê – BA. Utilizamos como instrumentos de coleta de dados a análise documental e o questionário. Inferimos através da análise dos dados coletados que os saberes tradicionais contribuem significativamente para a construção dos saberes escolares, uma vez que estes consideram a escola na comunidade como um elemento muito importante para o desenvolvimento da comunidade.

**Palavras – Chave:** saberes tradicionais; saberes escolares; povo indígena Kiriri.

**ABSTRACT:** This work aims to reflect on the contributions that traditional knowledge they bring to the improvement of school knowledge in the perspective of indigenous peoples Kiriri. The informants of the research were 15 students and 09 students from 6th grade of elementary school, a State School community Mirandela, in the municipality of Banzaê - BA. We used as instruments to collect data to document and analyze the questionnaire. We infer by analyzing the collected data that traditional knowledge contribute significantly to the construction of school knowledge, since they consider the school community as a very important element for community development.

**Keywords:** traditional knowledge, school knowledge, indigenous people Kiriri.

### INTRODUÇÃO

As primeiras atividades escolares para os povos indígenas ocorreram aproximadamente há quase cinco séculos. Atualmente, devido às diversas mobilizações e

---

<sup>1</sup> Graduação em Pedagogia; Especialização em Metodologias de Ensino para Educação Básica; Coordenadora do Programa Escola Ativa no município de Coronel João Sá – BA; integrante dos grupos de pesquisa EDUCON/ GEPIADDE/UFS.

<sup>2</sup> Graduação em Química; Mestrado em Educação; Doutoranda em Educação (NPGED/UFS); membro dos grupos de Pesquisa EDUCON e GEPIADDE/UFS.



reivindicações feitas pelo movimento indígena, mudanças significativas vêm ocorrendo, tanto na legislação quanto na política governamental.

Nesse contexto, são diversos os estudos que apontam as dificuldades enfrentadas por esses povos, sobretudo no que se refere à busca do cumprimento dos seus direitos educacionais assegurados nos textos de ordenamento legal e normativos. Direito como uma educação específica, intercultural e bilíngue que são contemplados na Constituição de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no Plano Nacional de Educação, Parecer 14/99 da Câmara Básica do Conselho Nacional de Educação e Resolução 03/99.

Desse modo, Luciano (2006) salienta que a “educação escolar oferecida aos povos indígenas durante séculos sempre teve como objetivo a integração do índio à sociedade nacional” (p.148). Foi uma educação sem respeito às diferenças culturais, à linguagem, mas apenas voltada para os interesses dos não-índios, os quais ensinavam aqueles a conviverem e a se relacionarem com estes, de acordo com seus padrões sociais. Assim, a escola é considerada um lugar em que os conhecimentos podem se unir para que haja uma relação de harmonia entre os diferentes grupos interétnicos.

No entanto, percebemos que a escola, antes objeto de imposição aos índios no passado, atualmente é “almejada como um espaço de liberdade, de conquistas, de afirmação e de (re) construção dos projetos societários dos povos ameríndios” (LOPES, 2008, p. 02). Nesse caminho, a Educação Escolar da etnia kiriri na escola Estadual José Zacarias, na aldeia de Mirandela, localizada no município de Banzaê, nordeste da Bahia, também enfrenta desafios em sua implantação e implementação.

Com essa preocupação, propomos pesquisar para a monografia do Curso de Especialização em Metodologias de Ensino para Educação Básica a temática da relação com o saber que os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental mantêm com a escola e com os saberes escolares. Nesse trabalho, refletimos também sobre a identificação étnico-racial desses alunos.

## EDUCAÇÃO INDÍGENA & EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Alguns estudiosos apontam que, há mais de 20 anos, tanto a antropologia, quanto ao indigenismo, apresenta distinções entre a Educação Indígena e a Educação para Índios. Segundo Grupioni (2000), Educação Indígena são “as práticas tradicionais de socialização e transmissão de conhecimentos próprios a cada sociedade indígena” (Grupioni, 2000, p. 274). Essa denominação engloba também os

[...] processos pelos quais uma sociedade internaliza em seus membros um modo próprio e específico de ser, que garanta sua sobrevivência e reprodução, ao longo de gerações, possibilitando que valores e atitudes considerados fundamentais sejam transmitidos e perpetuados (Grupioni, 2000, p. 274).

Nesse contexto, percebe-se que é a através da Educação Indígena que são transmitidos seus saberes milenares. Tais saberes, por sua vez, são de fundamental importância para a preservação de sua cultura e de sua identidade, pois são eles que os fazem ser diferentes dos demais povos.

A Educação para Índios, segundo (Grupioni, 2000), nos últimos anos, ganhou uma nova roupagem: passou a ser chamada de Educação Escolar Indígena. Para esse autor, essa educação é definida como

O conjunto de práticas e intervenções que decorrem da situação de inserção dos povos indígenas na sociedade nacional, envolvendo agentes, conhecimentos e instituições, até então estranhos à vida indígena, voltados à introdução da escola e do letramento (Grupioni, 2000, p. 274).

Para Cavalcante (2003, p.17-18), por seu turno, as chamadas “escolas indígenas” foram construídas em meio a inúmeras contradições e enfrentam o desafio de descobrirem caminhos próprios; além de muitos outros desafios, que se agravam por terem como “modelo” uma instituição estranha, que não faz parte de sua tradição. “Daí o reconhecimento por parte dos indígenas da necessidade de terem uma escola que sem perder suas especificidades incorpore conhecimentos da sociedade envolvida”.

Nesse sentido, percebemos a necessidade que os povos indígenas têm de conquistar uma escola voltada para suas especificidades, capaz de satisfazer seus anseios,

que seja comunitária e intercultural. Comunitária porque deve atender aos anseios de uma comunidade que luta pelos mesmos objetivos. Intercultural porque os sujeitos vivem diferentes culturas e etnias num mesmo território.

Diante de tantas diversidades culturais e interculturais, a legislação brasileira procurou construir espaços para que elas fossem inseridas na educação escolar, seja indígena ou não-indígena, propondo às escolas tradicionais a implantação nos currículos do que já tinha sido assegurado pela LDB, no artigo 26, & 4º “o ensino da História do Brasil, que levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africanas e européias”.

### RELAÇÃO COM O SABER

A “relação com o saber” não é uma problemática nova. Segundo Charlot (2005, p. 36), essa expressão apareceu “pela primeira vez entre os psicanalistas (nos anos 1960) e pela segunda entre os sociólogos da educação de inspiração crítica (nos anos 1970)”. A partir da década de 1980, o sociólogo Bernard Charlot introduziu a expressão e o conceito na área de educação. Esse teórico objetiva realizar estudos e pesquisas nessa área. O autor tem como foco estudar a relação que os alunos da Educação Básica das escolas públicas dos bairros populares mantêm com os “saberes” em diversas áreas do conhecimento.

Ao analisarmos a problemática da relação com o saber, percebemos que é uma problemática que tem uma enorme complexidade. Isso se justifica pelo fato de ela objetivar compreender como o sujeito se relaciona com mundo, com os outros e consigo mesmo, enquanto sujeito único e singular. Tal sujeito, por seu turno, está inserido no mundo em contato com as diversidades, confrontado com um objeto de desejo: a necessidade de aprender (CHALOT, 2000).

Dessa forma, percebermos que a relação com o saber envolve o sujeito e tudo que existe ao seu redor: desde as atividades mais simples e corriqueiras aos objetos dos quais o sujeito tem contato, inclusive consigo mesmo, como mencionado. O saber, por sua vez, constitui-se através de um conjunto de relações, tanto pessoais quanto interpessoais, a

partir das quais o sujeito possa aprender, possa internalizá-las em forma de saber. Para que esse saber aconteça é necessário que o sujeito atribua significado a ele.

Nessa perspectiva, observamos que o saber decorre da necessidade que o sujeito tem de aprender através de determinadas ações, mas que esse aprendizado tenha importância para sua vida. Logo, o sujeito é um ser que vive em sociedade. E, sendo essa sociedade um lugar de atividades, ele tem necessidade de estar sempre em movimento, comunicando-se com os demais; por esse motivo ele precisa estar sempre se aperfeiçoando.

É nesse contexto de aperfeiçoamento e estratégias próprias de desenvolvimento do saber que Meliá salienta que “a educação indígena permite que o modo de ser e a cultura venham a se reproduzir nas novas gerações, mas também que essas sociedades encarem com relativo sucesso situações novas” (MELIÁ, 1999, 12).

## **METODOLOGIA**

Para a realização deste trabalho, adotamos a pesquisa qualitativa, que tem o ambiente natural como fonte direta de coleta de dados, e o pesquisador como instrumento fundamental.

Oliveira (2007) define a pesquisa qualitativa como “Sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”. (OLIVEIRA, 2007, p. 37).

Nesse contexto, a pesquisa qualitativa permite ao pesquisador visitar o local da pesquisa quantas vezes forem necessárias para coletar dados que sejam pertinentes ao seu trabalho. Quanto maior for o contato do pesquisador com o informante, mais facilitará seu trabalho. É através do contato prolongado com os sujeitos que o pesquisador adquire maior confiança deles, e poderá fazer com que se sintam à vontade para expressarem suas opiniões e ideias; o que contribuiu significativamente para o desenvolvimento do trabalho realizado.

Segundo Gody (1996, p. 62 apud Oliveira, 2007), a pesquisa qualitativa possui quatro características principais:

- 1 – Ambiente natural como fonte direta de dados, e o pesquisador como instrumento fundamental;
- 2 – Caráter descritivo;
- 3 – Significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida, que deve ser uma preocupação do investigador;
- 4 - Enfoque indutivo.

Desse modo, achamos pertinente adotarmos esse tipo de pesquisa por nos dar suporte teórico/metodológico para a análise dos dados coletados.

Foram informantes da pesquisa 15 alunas e 09 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Indígena José Zacarias, em Mirandela, no Município de Banzaê Bahia, no turno vespertino, com idade entre 09 e 14 anos.

Utilizamos como técnicas de coleta de dados a análise documental, questionários e observação no momento da aplicação do questionário. A análise documental é um procedimento bastante recomendável na realização de pesquisa qualitativa, pois, o acesso a documentos escritos é muito importante para que o pesquisador tenha um conhecimento mais aprofundado do contexto situacional em que o sujeito pesquisado se encontra. Segundo Oliveira (2007) “[...] o pesquisador precisa conhecer em profundidade o contexto em que se insere seu objeto de pesquisa. [...] o acesso a documentos escritos em muito contribui para um conhecimento mais aprofundado da realidade” (OLIVEIRA, 2007, p. 90).

Utilizamos também o questionário que, segundo Oliveira (2007), é considerado “[...] como uma técnica para obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado que o pesquisador deseja registrar para atender aos objetivos de seu estudo” (p. 83). O questionário foi aplicado no dia 25 de agosto de 2008. Para a sua aplicação, contamos com a autorização dos órgãos responsáveis (FUNAI regional de Paulo Afonso – BA) e com o apoio da direção da escola, da coordenação pedagógica e dos professores que ministram aulas nessa turma, os quais permitiram o acesso aos alunos ainda em sala de aula.

Antes da aplicação do questionário, apresentamos o tema, o objetivo da pesquisa e a importância da resposta de cada um para este estudo. Percebemos que os alunos se

mostravam ansiosos para começarem a responder. Em sua maioria, foram desinibidos, atentos, brincalhões e até risonhos. Alguns tiveram dificuldades em compreender algumas das questões propostas, mas as dificuldades foram sanadas pelo pesquisador. Não percebemos dificuldades significativas na leitura e entendimento do questionário, apenas em relação à compreensão do termo etnia, a partir do qual observamos ser uma palavra que não faz parte do seu cotidiano.

Com as questões abordadas no questionário, levantamos informações tais como:

1. Dados pessoais (idade, sexo e origem escolar).
2. A relação que eles mantêm com a escola, com os saberes escolares e com os professores.
3. A importância da escola e perspectivas com ela.
4. O significado da escola para esses alunos.

Os questionários foram identificados por códigos. Utilizamos a letra A, para referência ao aluno informante; seguida das letras M ou F, para a indicação do sexo: masculino ou feminino, respectivamente. Além dessas, usamos a numeração de 1 a 24.

Para a análise dos dados, por sua vez, associamos métodos quantitativos e qualitativos, haja vista o objeto investigado e o fato de a pesquisa qualitativa permitir tal uso. Analisamos o conteúdo das respostas e, a partir daí, construímos as categorias e subcategorias.

### **KIRIRI DE MIRANDELA: REFLEXÕES SOBRE A COMUNIDADE E A ESCOLA**

Segundo um levantamento feito pelo Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com dados obtidos por meio do Programa de Pesquisa sobre os Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro (PINEB), os povos indígenas estão em plena expansão demográfica, política e territorial no Brasil. Na Bahia, atualmente residem aproximadamente cerca de 25 mil índios.<sup>3</sup> Essas nações estão divididas em 14 povos de diferentes etnias, além de outros que ainda estão em fase de reconhecimento, como é o

---

<sup>3</sup>Os dados referentes à pesquisa foram encontrados no site: <<http://www.ecoviagem.com.br/fique-por-dentro/noticias/social/indios-do-brasil/populacao-indigena-esta-em-expansao-apontam-pesquisadores-5447.asp>> Acesso em: 15 abr. 2008.

caso dos Payayá e dos Tupãs. Esses povos vivem em mais de 76 aldeias espalhadas por todo Estado da Bahia<sup>4</sup>. Esses dados nos mostram que a população indígena vem crescendo cada vez mais em nosso território. Somente a partir de 2002 é que o movimento indígena

tem se fortalecido e construído um diálogo permanente com esferas governamentais, ora em situações conflitantes, ora em situações harmoniosas. A partir do ano de 2007, o diálogo tem sido intensificado no sentido de consolidar a política pública de Estado para os povos indígenas (BAHIA, 2008, p. 02).

Nesse contexto, encontram-se os índios Kiriri de Mirandela. Essa aldeia é considerada o “coração da reserva indígena Kiriri” (MARIANO, 2000, p. 01). Estes povos são sinônimos de fé, força e coragem. A nação Kiriri vive na reserva de Mirandela, no município de Banzaê, nordeste da Bahia. Esta aldeia possui uma área de 12.300 hectares e tem o formato de um octógono, constitui uma população de aproximadamente 1.163 pessoas.

O nome Kiriri, por seu turno, vem de um vocábulo tupi que significa povo “calado”, “taciturno”. Essa designação teria sido atribuída pelos Tupi da costa aos índios habitantes do sertão (BANDEIRA, 1972, p. 01). Esses povos descendentes da nação Kariri vêm sofrendo repressões desde a época das missões jesuíticas no Brasil. Essas missões tiveram contato com eles durante pouco mais de um século. Com a expulsão dos jesuítas do território brasileiro, pelo Marquês de Pombal em 1758,

deu-se a implantação da Administração Civil, com os chamados Diretórios de Índios. Este fato, assim como a dissolução desse sistema administrativo significou, para os índios das aldeias Kipeá-Kiriri, a invasão de seus territórios por posseiros e fazendeiros, restando apenas a Aldeia Saco dos Morcegos, que se manteve apesar do contínuo processo de invasão (Côrtes, 1996, p. 80).

Nesse contexto, focalizamos nossa pesquisa nos alunos da aldeia de Mirandela, com uma população de 80 famílias, tendo como total de habitantes 496 pessoas. O povo dessa

<sup>4</sup> Informações obtidas no site: <<http://www.tvbrasil.org.br/e14>>. Acesso em: 15 de mai de 2008.



aldeia pratica uma economia voltada para a subsistência. Entre as várias atividades econômicas desenvolvidas na aldeia, destacamos: o artesanato e a agricultura.

Percebemos também que a cultura para o povo de etnia Kiriri é de fundamental importância para diferenciar os índios dos não-índios, no entanto procuram usar sempre as vestes que preservem a sua tradição como saias de pindobas usadas por todos da aldeia por cima do short. As mulheres usam, além da saia, um sutiã feito do mesmo material e ambos usam adereços na cabeça. Segundo eles, é essa caracterização que os faz ser diferentes dos outros povos.

### **UM OLHAR SOBRE A ESCOLA**

A escola pesquisada possui quatro salas de aula, oferta ensino da pré-escolar ao 9º ano do Ensino Fundamental, funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno. A cantina, a secretaria e o banheiro funcionam numa casa que fica em frente à escola, não possui biblioteca, o pátio é ao ar livre.

O corpo discente é composto por 479 alunos e alunas, do pré- escolar ao 9º ano do Ensino Fundamental. O corpo docente é composto por 26 professores índios dos quais apenas 06 têm formação em Magistério Indígena, segundo informações do diretor da escola. Mas segundo ele, os líderes da comunidade estão buscando junto aos órgãos responsáveis meios para que os demais professores possam ingressar na formação adequada para o exercício de suas atividades escolares na aldeia. Percebe-se que ainda é uma escola muito precária e que precisa de atenção especial dos órgãos responsáveis pela educação desses povos

### **EU, MINHA COMUNIDADE E A RELAÇÃO COM O SABER**

Ao estudar os sujeitos pesquisados, fizemos algumas indagações sobre a comunidade, a relação que esses sujeitos mantêm com o saber escolar, como eles se relacionam com o processo ensino/aprendizagem. Ao indagarmos sobre a escola na minha comunidade (Quadro 1), a maior frequência de inferência foi acerca dos aspectos positivos

(19). Nos aspectos positivos, destacam-se fatores não estruturais (13), referindo-se à escola na comunidade como muito boa e importante para o seu desenvolvimento.

Nos aspectos positivos estruturais, destacaram a escola como bonita (06). No entanto, nos aspectos negativos estruturais (03), referências foram feitas à escola, tratando-a como acabada, feia e não muito bonita. Podemos evidenciar essas informações no quadro 1 no final do texto.

Ao indagarmos os entrevistados sobre uma coisa boa que aconteceu na escola, (Quadro 2), muitos deles destacaram a festa junina (05), ocasião em que eles dançam quadrilha e se divertem muito, junto às referências às festas de aniversários (03); sobre as brincadeiras, tanto as meninas quanto os meninos referiram-se a brincar de bola. No dia da coleta de dados, observamos as meninas brincando com uma bola feita amassando papel e jogando como se fosse vôlei. Podemos confirmar essas informações no quadro 2.

Ao questionar sobre uma coisa ruim que aconteceu na escola (Quadro 3), constatamos que acidente como (torcer o tornozelo, cair, torcer o dedo) foi a categoria mais citada por eles (03).

Indagamos também sobre o que sei da minha comunidade me ajuda na escola (Quadro 4). A maior inferência foi na categoria aspectos gerais sobre a aprendizagem escolar e o conhecimento. Constatamos que a questão cultural está presente. Como não falar demais porque os pais brigam (01), aprender muitas coisas na comunidade, (01) escrever em artesanato (01).

Ao questionarmos os alunos sobre o item entre as atividades que eu faço na escola eu prefiro (Quadro 5), percebemos uma grande inferências sobre os aspectos interpessoais, os quais citaram itens como estudar, ler, escrever e artes (artesanato), (17) com justificativas de respostas, como podemos observar nas falas abaixo.

Na indagação sobre o item na minha comunidade eu aprendo (Quadro 6), apontaram com maior inferência os aspectos relacionados à cultura indígena (16), os quais se reportaram a aspectos relacionados ao respeito aos mais velhos (06), às ervas medicinais (03), à cultura dos índios (04), artesanato e brincar de muita coisa (02), aprender a pegar peixe e muito mais (01).

No item na escola eu aprendo (quadro 7), o maior número de inferências foi sobre os aspectos acerca do processo ensino/aprendizagem, os quais destacaram ler, escrever (12), seguido de respeito e educação com os professores e os mais velhos (05), as categorias muita coisa, muitas coisas novas também tiveram muitas inferências (05), sem justificativa, aprender muito com os professores é muito bom para mim (02).

Podemos evidenciar mais uma vez, pelas falas dos sujeitos pesquisados, que a escola é um instrumento de grande importância para esses alunos, além de existirem expectativas deles em relação à aprendizagem escolar bem como à aprendizagem cotidiana, quando se referem ao respeito e à valorização cultural

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletirmos sobre a Educação Escolar Indígena que, segundo Luciano (2006), durante muitos séculos, foi “uma educação escolar que sempre teve como objetivo a integração do índio à sociedade nacional, sem respeito às diferenças culturais e as lingüísticas” (LUCIANO, 2006 p. 148). Percebe-se que essa educação vem mudando de sentido. O que era instrumento de repressão e ocultação desses povos se transformou em um dos elementos fundamentais no processo de reconstrução de suas identidades étnico-raciais. Nesse contexto, podemos perceber a importância do papel da escola nessas comunidades ao evidenciarmos as informações inferidas através dos sujeitos pesquisados.

Considerando as informações obtidas através da aplicação de questionário e da observação, no momento da sua aplicação, inferimos uma significativa identificação étnico-racial por parte desses alunos, bem como, uma relação de respeito com a escola, a comunidade e com todos que fazem parte dela. Pois, esses sujeitos veem a escola como um local que pode contribuir com a consolidação da reconstrução de sua identidade étnico-racial. Parte-se do pressuposto de que a escola é um ambiente de valorização e respeito aos saberes tradicionais e de construção de novos saberes, que podem contribuir para o desenvolvimento da comunidade.

Constatamos ainda que a escola para esses alunos é um ambiente em que aprendem a ler, escrever e muitas outras coisas importantes para seu futuro intelectual e

pessoal. Dessa forma, eles veem a escola como algo que faz parte da sociedade e da cultura. Para eles, tal instituição pode lhes oferecer oportunidades para a busca de seus ideais, uma vez que a escola tem como um dos princípios educacionais a valorização das diversidades culturais, étnico-raciais e o respeito às singularidades de seus alunos. Destarte, tal escola procura atender as suas demandas de acordo com suas especificidades.

Quanto à relação com a aprendizagem, percebemos que é bastante significativa, os quais salientam que gostam de frequentar a escola e que a aprendizagem escolar traz informações que podem ajudar na resolução dos problemas pessoais, familiares e comunitários.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BAHIA, Secretaria de Estado de **Educação Escolar Indígena na Bahia: diálogo como princípio na construção da política pública de divulgação**, Salvador, 2008.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Os Kiriri de Mirandela: um grupo indígena integrado**. Estudos Baianos, Salvador, v.6, UFBA, 1972.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o Saber, Formação dos Professores e Globalização: questões para educação hoje**. Porto Alegre: Artemed, 2005.

\_\_\_\_\_. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradição. Bruno Magne. Porto Alegre: Artemed, 2000.

CAVALCANTE, Lucíola Inês de Pessoa. Formação de professores na perspectiva do Movimento dos Professores Indígenas da Amazônia. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 22. p.14-24, jan./fev./mar./abr.(2003). Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n22/n22a03.pdf>>. Acesso em 10 de maio 2008.

CÔRTEZ, Clélia Neri. **A educação é como o vento: os Kiriri por uma educação pluricultural**. 1996. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

LOPES, Edinéia da Lopes. **As representações sociais acerca de reação química de um grupo de professores indígenas e a teoria da relação com o saber: algumas reflexões**

A disposição nos anais do II Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade (EDUCON), 22 a 24 de setembro de 2008-campus UFS, São Cristóvão (SE).

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MARIANO, Agnes. **Índios sertanejos**: a vida dos Kiriri. Salvador, 2000. Disponível em: <<http://www.faced.ufba.br/~kiriri>>. Acesso em: 19 nov. 2008.

MELIÁ, Bartomeu. **Educação Indígena na escola**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 49, p. 11-17, dezembro. 1999. Disponível em <<http://www.ipp.uerj.net/olped/documentos/0380.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2009.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

### QUADROS MENCIONADOS NO TEXTO

#### QUADRO 1: A ESCOLA NA MINHA COMUNIDADE

Categorias	subcategorias	Fr.	Fr. T.
Aspectos positivos não estruturais	Importante, muito boa (com justificativa)	05	13
	Muito boa (sem justificativa)	08	
Aspectos positivos estruturais	Bonita (com justificativa)	06	06
Aspectos negativos: estruturais	Acabada, feia, não é muito bonita	03	03

#### QUADRO 2: UMA COISA BOA QUE ACONTECEU NA ESCOLA

Categorias	Fr.
Festa junina	05
Brincar	03
Aniversário	03
Não categorizado (ilegível, não entendeu)	03

#### QUADRO 3: UMA COISA RUIM QUE ACONTECEU NA ESCOLA FOI

Categorias	Fr.
Acidente (cair, machucar o pé, torcer o tornozelo)	03
Não passar nas matérias	01
O diretor fez desligar o som	01
A morte de uma aluna	01

QUADRO 4: O QUE SEI DA MINHA COMUNIDADE ME AJUDA NA ESCOLA

Categorias	Subcategorias	Fr.	Fr. T
Aspectos gerais da aprendizagem escolar e conhecimento	Não falar demais porque as pessoas brigam (01), aprender muita coisa na comunidade (01), estudar (03), resolver problemas (01), ter informação (01), fazer	08	14
Aspectos acerca da cultura e da comunidade	Usar remédios do mato (01), fazer nome em artesanato e alimento (01), aprender coisas da aldeia (01), conhecer minha comunidade (03).	06	

QUADRO 5: ENTRE AS ATIVIDADES QUE EU FAÇO NA ESCOLA EU PREFIRO

Categorias	Subcategorias	Fr.	Fr. T.
Relacionamentos interpessoais	Estudar, escrever, ler, artes. (Com justificativa)	17	21
	Jogar bola, artes. (Sem justificativa)	02 02	

QUADRO 6: NA MINHA COMUNIDADE EU APRENDO

Categorias	Subcategorias	Fr. T
Aspectos acerca da cultura indígena	Respeitar os mais velhos (03). As ervas medicinais e os nomes das pessoas (06), Eu aprendo a pegar peixe e muito mais (01), A cultura dos índios ( 04), Artesanato e brincar de muitas coisas (02)	16
Aspectos acerca da aprendizagem	Muita coisa boa (03), Ler, escrever e muito mais (04)	07

QUADRO: 7- NA ESCOLA EU APRENDO

Categorias	Subcategorias	Fr.	Fr. T
Aspectos acerca do ensino / aprendizagem	Aprender muito com os professores é muito bom para mim	02	15
	Entender tudo na sala	01	

	Ler, escrever	12	
Respeito	Respeito e educação, com os professores e os mais velhos	05	
Muita coisa	Muitas coisas novas	03	08
	Muita coisa (sem justificativa)	05	